

Ministros políticos perdem espaço

31 MAR 1986

CORREIO BRAZILIENSE

Isolados em Brasília, eles ficam sem contato com bases estaduais

Eleição Estadual

O exemplo de Maciel é típico: quando ocupou o governo de Pernambuco estimulou o surgimento de uma geração que hoje integra o primeiro plano estadual e federal. São jovens, na faixa dos 40, que saíram de um trabalho em equipe, que transformou a face do Estado, mas que viram depois essa unidade dissipar-se pela lei natural da renovação de quadros.

Devido, no entanto, a seus compromissos no Gabinete Civil do presidente Sarney, os encargos de Maciel multiplicaram, e não mais pôde visitar Pernambuco, para levar às suas bases o ânimo da disputa, e a estratégia de luta renovada. O resultado é que o PMDB passou à frente no processo de articulações, e lançou o nome de Miguel Arraes como seu candidato ao governo do Estado.

Se Arraes ganhar a eleição, querera governar com os quadros de Maciel, que estão no poder há oito anos? Essa é a indagação se que faz em Pernambuco. Mesmo com a inspiração da Aliança Democrática, se vier a apresentar uma candidatura única e vitoriosa, essa equação tornar-se-á difícil: o PMDB no Palácio das Princesas será o começo da armação de uma nova equipe, de uma nova geração de administradores, que serão despertados para substituir a atual. Se o governador eleito for o deputado Miguel Arraes — esse é o drama — mesmo com todo o apoio da Frente Liberal ele irá montar sua própria equipe de poder.

EM MINAS, O MESMO FENÔMENO

O distanciamento das bases é fenômeno que também preocupa outro importante ministro do Governo, Aureliano Chaves. Retido em Brasília, só podendo fazer política estadual nos fins de semana, o líder da Frente Liberal mineira libera espaço à atuação de seus pretendidos aliados do PMDB. O governador Hélio Garcia tem-se aproveitado da ausência do ministro Aureliano, que decidiu permanecer no governo federal, e lançou um plano-meta de eleger uma bancada de deputados federais sem par na história dos líderes políticos de Minas: pelo menos 44 nomes quer ver sentados na Câmara, eleitos sob sua sombra.

Essa é uma história sem glórias — cada qual luta por seus espaços, quando se trata de sua própria terra. A Aliança Democrática torna-se um conceito vago, mais apropriado ao território da Nação, que é nenhum, consistindo num ideário quase espiritual. Mas em Minas, disputando palmo a palmo a liderança estadual, o governador revela ser um paciente estrategista, desejando empurrar, até maio — mês das convenções —, as negociações para a apresentação de chapa comum, a de união de Minas. Essa chapa, para Aureliano Chaves e José Aparecido de Oliveira, só terá sentido se tiver um nome na cabeça: Itamar Franco, como candidato a governador, agora também apoiado por Francelino Pereira, o maior ganha-votos de Minas.

Hélio Garcia não quer Itamar Franco, e nessa rejeição se soma à da família Tancredo Neves. Dominado pela emulação da liderança, que lhe veio pelo acaso, Garcia quer confirmá-la, unindo um dos seus para o Palácio da Liberdade. Essa é uma velha saga dos mineiros, pois quem ocupa o velho palácio, tenha a estirpe que tiver, comanda de fato a política mineira.

O fato do ministro das Minas e Energia ter feito sua opção pelo ministério Sarney, retirou-lhe um poder de barganha político, que lhe adiria da demonstração do sacrifício pessoal. Mas sabe Aureliano que, de qualquer forma, estaria sob o cutelo de uma alinça dissimulada, caso tivesse se desincompatibilizado para disputar o Senado ou uma cadeira na Câmara: ninguém garantiria o cumprimento do contrato de não-ligência, pois se trataria, também, de uma disputa pela sucessão presidencial. Foi melhor ficar onde está — no Ministério — de onde poderá retirar os benefícios do entrechoque de lideranças em Minas, restando, intocável, como a grande alternativa para o futuro.

NA BAHIA, UMA CONDIÇÃO SEMELHANTE

Por ter permanecido no Ministério, o ministro Antônio Carlos

Esta semana, o ministro Marco Maciel recebeu um recado dramático. Era de seus correligionários em Pernambuco, alertando-o para um "racha" que se tornava irreversível na Frente Liberal, em termos de uma candidatura de unidade a governador do Estado. Se passasse da Semana Santa, poderia ficar irremediável, dada a

tensão entre as forças. O alerta abre um campo novo de observação política: não são somente os parlamentares que estão ameaçados em sua reeleição pelo impacto das mudanças e das cobranças. Os ministros políticos do governo, presos a Brasília, insulados nos problemas administrativos, estão ameaçados de ver seu prestígio regional solapado por novas forças eleitorais.

LEONARDO MOTA NETO
Da Editoria de Política



Marco Maciel, preso aos seus compromissos no Gabinete Civil, vê o PMDB ocupar os espaços em Pernambuco



Aureliano Chaves optou pela permanência no Ministério e agora só faz política em Minas nos fins de semana



Antônio Carlos Magalhães corre o risco de ver o Palácio de Ondina ocupado por outro grupo que está fora de seu controle



Almir Pazzianotto é uma exceção: apontado em Brasília como a "arma secreta" para evitar a derrota do PMDB em São Paulo



Iris Rezende vive o dilema de ser ou não candidato de Goiás ao Senado, mas o êxito do pacote impede a definição

Magalhães corre também o risco de perder contato com suas bases, e de ver sua estrutura de poder — que hoje é representada no governador João Durval, e em número expressivo de deputados que com ele migraram para o PFL — substituída por outra geração no Palácio de Ondina.

O candidato de conciliação da Aliança Democrática na Bahia — Josaphat Marinho — enfrenta, de roldão, a reação progressista que se polariza na candidatura do ex-ministro Waldir Pyres. É uma disputa que se faz no plano quase pessoal das lideranças mais expressivas do Estado, a partir de Antônio Carlos, menos importantes dos partidos e as tendências.

Mais uma vez o fenômeno é visível: se houver uma derrota das forças carlistas, embutidas

no PMDB moderado e no PFL, haverá uma rendição da guarda que prevalece na política baiana há três décadas. A nova geração de administradores públicos, os novos quadros de direção do Estado, na hipótese da eleição de Waldyr Pires, serão montados por critérios diversos, e de modo a implantar outro sistema de liderança na Bahia.

É tão complexo o quadro da política baiana que o próprio presidente Sarney a ele não é indiferente por razões de amizade pessoal a pelo menos três de seus protagonistas: Antônio Carlos Magalhães, Prisco Viana e Luiz Viana Filho. Recordar-se que, ainda como senador, Sarney percorreu a distância que separa o Senado da Câmara para ir procu-

rar, em seu gabinete, seu velho amigo e ex-secretário-geral do PDS, Prisco Viana. Sarney fora a Prisco para lhe pedir algo quase impossível: fazer as pazes de Luiz Viana Filho com Antônio Carlos, naquele momento necessária para a grande articulação do PDS para o colégio eleitoral.

Mas quando o deputado foi desincumbir-se de sua missão, indo jantar com o senador, ouviu da mulher de Luiz Viana Filho as mais severas restrições ao pacto com Antônio Carlos. É uma política, a da Bahia, feita de condimentos ardentes, todo o sempre.

PAZZIANOTTO DÁ O TOM DA REBELDIA

Os três — Marco Maciel, Aure-

liano Chaves e Antônio Carlos Magalhães — não mais terão prazo legal para saírem candidatos. Mas outros terão, e estão pensando nisso, temendo que, a permanecer em Brasília, perderão de vez seus contatos com as bases numa época de renovação radical e de substituição de lideranças. Um exemplo marcante é o ministro do Trabalho, Almir Pazzianotto.

Inquieto com a perspectiva de disputar o governo de São Paulo o ministro já vislumbrou sair pelo PDT — mas foi barrado pela animosidade que passou a existir entre o Palácio do Planalto e o Palácio da Guanabara. E ainda há outro fenômeno: Brizola é considerado um mito eleitoral que não elege em São Paulo. A frente progressista, para Pazzianotto, foi cortada em pleno carnaval. Não foi ao camarote do governador, e deu o não às especulações.

O ministro passou então a namorar o PMDB, mas não em termos de sair para vice, o que lhe representaria uma *capitis diminutio*. Sabe que tem condições de eleger-se disputando a principal — o governo — mais ainda quando em São Paulo se estabeleceram as condições objetivas para uma disputa entre o trabalho (as forças identificadas com os movimentos trabalhadores, do qual Pazzianotto sempre foi parte expressiva) e o capital (representado no empresário Antônio Ermírio de Moraes).

Acredita-se que o ministro Almir Pazzianotto seja uma "arma secreta" de Brasília para a hipótese de a convenção do PMDB ficar contaminada de uma rebelião anti-Quêrcia, ante o risco da repetição do fenômeno Sérgio Muriilo, em Pernambuco: ganhou os convencionais, mas rompeu o partido, impondo o êxodo de Jarbas Vasconcelos para o PSB, se onde venceu a eleição para prefeito de Recife. Pazzianotto — para não dar lugar ao próprio Ermírio, que ainda sonha com a legenda do PMDB — seria o Jarbas paulista, sem deixar o partido, todavia.

IRIS, UMA LIDERANÇA INQUIETA

O caso do ministro da Agricultura, Iris Rezende, é mais típico da preocupação dos ministros políticos do governo com o distanciamento que Brasília lhes impõe de suas bases. Quando o presidente Sarney devolveu ao PMDB o poder eleitoral, que estava praticamente esmagado antes das medidas econômicas, houve quem passasse a apostar na desincompatibilização de Iris, antes de 14 de maio próximo, para voltar a Goiás e disputar o Senado, que era seu antigo projeto.

Havia uma certa base para isso, pois, afinal, o PMDB obtinha de novo o cheiro de vitória, já com seu candidato a governador lançado, o senador Henrique Santillo. O adversário de Iris, o senador Mauro Borges, por sua vez, deixara a legenda do PMDB e foi agasalhar seus projetos numa outra. O caminho de uma eleição tranquila para o Senado está aberto para o ministro, portanto, podendo manter suas bases em Goiás ad infinitum.

Mas o vulto de sua missão no Ministério da Agricultura parece que o sensibiliza mais. O simples anúncio da possibilidade de deixar o cargo para disputar eleição em Goiás comoveu seu público externo — as bases que domina no Estado, como senhor de uma nova oligarquia. Mas fez com que seu público interno lamentasse, e até arrefecesse o entusiasmo que já demonstrava para levar a cabo a política de abastecimento e o programa de plantio.

O ex-governador goiano, porém, é um projeto acabado da dúvida hamletiana de ser ou não ser. A política é o sangue que lhe passa pelas veias, e mais tarde, quando o senador Santillo estiver sentado na sua atual cadeira do Palácio das Esmeraldas, a geração que Iris preparou para a transformação política e social de Goiás poderá ser substituída por uma outra.

Essas dúvidas, aliás, não são apanágio dos ministros políticos. O próprio presidente Sarney as alimenta, em face de seu Maranhão: distante da terra, não poderá fazer política diuturna para a conservação de seus marcos fincados na terra de Bequimão.